

SENTIR, CRIAR E REFLETIR NA AULA DE ARTE: CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO SENSÍVEL

Alex Cristiano de Sena Garcia¹
Danielle Müller de Andrade²

Pelotas, outubro de 2025

Olá caros(as) colegas professores(as)!

Sabem quando o(a) professor(a) realiza uma atividade pedagógica que instiga a reflexão e a vontade de querer compartilhá-la com os(as) colegas? Pois bem, esse é o objetivo dessa Carta Pedagógica: partilhar e refletir sobre uma proposta educativa realizada com estudantes do ensino fundamental que deu início a pesquisa que venho desenvolvendo junto ao Programa XX, no curso de mestrado.

Tal pesquisa busca compreender como as experiências estético-pedagógicas desenvolvidas na disciplina de arte, a partir da dor e do feio, contribuem para o desenvolvimento da percepção estético-ambiental de estudantes?

Assim como na pesquisa, tenho me empenhado – enquanto professor-artista-pesquisador, para evidenciar a potencialidade da Arte para a compreensão crítica de si e do mundo. Dessa forma, escrevo, junto da minha orientadora, acerca de uma atividade pedagógica com linguagens artístico-visuais, desenvolvida com o objetivo de possibilitar que os(as) estudantes pudessem ampliar o sentimento de pertencimento e desenvolver a sensibilidade, autonomia e capacidade transformadora a fim de (re)pensarem os contextos em que vivem. Tanto a experiência ora apresentada, quanto a que será realizada na pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal da periferia de Rio Grande/RS, com turmas de 8º e 9º anos.

As atividades pedagógicas foram realizadas por meio de três instalações artísticas,

¹ Mestrando em Educação e Tecnologia - Instituto Federal Sul-rio-grandense – IFSul. Professor de Arte e Artista visual. alexsenag@gmail.com

² Doutora em Educação Ambiental. Docente do Programa de Pós-Graduação do Instituto Federal Sul-rio-grandense. danielleandrade@ifsul.edu.br

executadas e refletidas criticamente, que foram apresentadas na escola em que atuo em três Mostras Culturais³ nos anos de 2022, 2023 e 2024. As instalações tiveram por finalidade provocar o questionamento crítico dos(as) estudantes, bem como apresentar, a toda comunidade escolar, temáticas socioambientais por meio de obras de arte produzidas em aula e, portanto, pelo viés da sensibilidade.

Tais instalações constituem-se ferramentas pedagógicas uma vez que, depois de apresentadas, incitam discussões tanto nas aulas de Arte como em outras disciplinas. Elas coadunam aos preceitos da Educação Estético-Ambiental que, segundo Estévez (2025) é:

[...] una modalidad innovadora de la educación en valores, emergente en las condiciones de la crisis socioambiental contemporánea. Basada en la interrelación dialéctica entre los valores estéticos y los ambientales, se centra en la formación estética y estético del ser humano en aras de la sustentabilidad de la condición humana y de una formación más integral. Tiene un carácter teórico-práctico que se expresa en conocimientos, saberes y valores, a partir de una praxis sui generis: la estético-ambiental (p.84).

Assim, o ensino de arte, nessa visão de Estévez (2025a), quando trilha o caminho da Educação Estético-Ambiental, brota entre amarras e aberturas. Diante das barreiras externas – sejam estruturais, culturais ou sentimentais – o(a) professor(a) de Arte abraça a missão de construir espaços de sensibilidade no dia a dia, entendendo que o deslize é chave no ato de criar. Nesse trajeto, a arte transcende a simples técnica ou informação histórica, metamorfoseando-se em fala viva, onde emoções, sensações e percepções moldam a pessoa.

Para Estévez (2025), em um tempo em que o mercado comanda preferências e o consumo visual ofusca a visão, o ensino de Arte detém o papel ético e poético de reeducar para o sensível. Ele provoca o(a) estudante a enxergar o mundo não apenas como imagem, mas como presença, textura e fôlego. Nesta vivência, a estética deixa de ser enfeite, transformando-se em caminho de conscientização – um jeito de desafiar a uniformização da beleza e de redescobrir o sentido do belo como energia vital.

A missão do educador(a) artístico(a), conforme Estévez (2025), vai bem além da técnica pura: ele(a) vira um tipo de semeador de valores, um elo entre o sentir e o raciocinar. É nobre educar para o bem e a beleza, afinal, é educar pra uma coexistência, para proteger a natureza humana e a Terra. Dessa forma, todo movimento estético é também um comportamento ético, e a arte, na sua raiz, ainda é a esperança mais humana.

Portanto, diante desses argumentos, e do meu olhar de professor-artista, entendo que

³ A Mostra Cultural é um evento que ocorre anualmente, no mês de novembro, na escola para apresentar as produções realizadas pelos(as) alunos(as) à toda comunidade escolar.

as instalações artísticas, apresentadas ao longo dessa carta, são capazes de refletir a conexão entre o ensino de Arte e a Educação Estético-Ambiental em uma busca da contribuição para a formação de um(a) estudante sensível.

Ser um professor(a)/artista traz muitos desafios quanto aos enfrentamentos de crenças e preconceitos que representam o senso comum, como a ideia de que uma aula de arte apenas existe para divertir e descontrair os(as) alunos(as). Mas não é bem assim, pois, por meio da arte pode se educar, também, pessoas questionadoras e reflexivas. Para isso é preciso que novos conhecimentos e argumentos sejam postos em discussão.

Ensinar com Arte nem sempre é sinônimo de uma aula divertida. Nem toda aula de arte tem o elemento lúdico como ponto central, nem sempre envolve entretenimento. A esse respeito Medeiros (2024), destaca que é nas escolas que se formam pessoas que darão continuidade à transformação e conservação do mundo, o que exige compreender seu funcionamento por meio de um estudo que nem sempre é lúdico ou divertido.

Por meio da arte podemos elaborar maneiras de fazer crítica e questionamentos ao exercitar nosso lado sensível mediante os acontecimentos que ocorrem ao nosso redor. Portanto, o ensino de arte não objetiva, necessariamente, promover apenas diversão, ele não se resume apenas em brincar com os mais diversos materiais disponíveis e transformá-los em algo agradável ou belo. Mas como escapar deste momento lúdico sem negá-lo? Como implicar este traço comum, de aula divertida, da Arte em sala de aula com o sentir e o pensar?

Segundo Guimarães (2006), para pensar, é preciso acolher o que nos é estranho, é preciso se permitir deixar tocar por algo novo que nos provoque sensações. Para Guimarães (2006), ao passarmos por uma experiência estética, estamos colocando em jogo o que já conhecemos e isso não significa abandonar o que já sabemos, tão pouco aceitar de imediato o inédito, mas sim integrar o já conhecido ao que é estranho. Uma experiência carrega um conhecimento pessoal implícito e prático que pode ser criticado a partir do momento que problematize a forma habitual do sujeito agir, conforme Guimarães (2006).

Ver poética no feio é estranho. Quanto ao feio e o belo na Arte, Vázquez (1999) afirma que desde o século XVII existe essa preocupação da representação do feio na obra de arte sem que seja necessário apresentar um embelezamento do feio para aceitá-lo. Esse feito foi alcançado por artistas renomados como Velásques, Rembrandt e Ribera, que retrataram o feio. Para Vázquez (1999), o feio é uma das categorias da estética que, assim como o belo e o cômico, contribui para as relações dos seres entre si e com o mundo. No mesmo sentido, Estévez (2008) destaca que:

[...] todo fenómeno u objeto puede ser valorado estéticamente y ser catalogado como feo o bello, bajo o elevado, trágico o cómico, agradable o desagradable, etcétera, en cualesquiera de las posibles relaciones que establece el hombre con el mundo circundante: en las relaciones hombre-hombre, hombre-naturaleza y hombre-sociedad (p .20)

Minha visão e atitude de artista, que transita entre o belo e o feio, que sente, que traduz e transcreve o que vejo, escuto, sinto e, também, as cicatrizes e marcas no corpo e na alma, por meio das linguagens artísticas, me direciona para um caminho: o de tentar despertar no(a) aluno(a) o senso crítico e a capacidade de se sentir pertencente do seu mundo.

Por isso entendo, assim como Medeiros (2024), que nem todo o aprendizado deva ser divertido e pautado no lúdico. Completando esse pensamento de Medeiros (2024), a paixão de um(a) professor(a) pelo ensino - quando ele(a) busca contribuir com o(a) aluno(a) em sua percepção, criatividade e criticidade – pode vir a contribuir para que a sensibilidade premeie os processos educativos.

Compreendo que é por meio da sensibilidade que vamos nos relacionando com o mundo que nos cerca, com todas as suas nuances, assim como afirma, Duarte Jr (2000) quando diz que é por meio dos sentidos, que nos permitimos perceber sons, cores e formas, que aprendemos, continuamente, sobre mundo. O mundo se revela a nós como experiência sensível, antes mesmo de ser compreendido pela razão.

Sobre a educação do sensível, Duarte Jr (2000) problematiza a respeito de como esta tem se resumido, dentro das escolas e pelo ensino de Arte, a uma simples transmissão de conhecimento sem dar a devida atenção a sensibilidade, a qual poderia contribuir para uma educação esteticamente mais significativa. Seu entendimento vai ao encontro do preconizado por Freire (2023a), a respeito de que a educação é um processo de partilha, onde ambos, professores(as) e estudantes, ensinam e aprendem simultaneamente.

Nesse sentido, investir em uma educação que seja pautada pela partilha e pelo desenvolvimento da sensibilidade pode vir a ser uma via para evitar que o campo da Arte seja utilizado como simples repositório de informações teóricas a serem repassadas para os(as) alunos(as), é necessário fazer com que a sala de aula seja um espaço no qual a arte apareça como algo vivo, importante e prático, se constituindo vetor provocador de sentimentos e pensamentos.

A partir desses apontamentos, os quais se correlacionam com as atividades pedagógicas que desenvolvi e com a minha pesquisa no mestrado, recorri a metodologias

de ensino e pesquisa que valorizassem tanto a produção artística e textual dos(as) estudantes quanto as possíveis mediações e intervenções que eu necessitaria realizar, tanto no sentido de atingir os objetivos das atividades, como no de produzir e coletar os dados. Encontrei, na a/r/tografia (Dias, 2023), as diretrizes necessárias que norteariam a produção e a análise dos dados decorrentes da realização das três propostas didático-pedagógicas – as três instalações artísticas. A saber: (“Mata”, “Onde sua atenção está?” e “Dor: medo, conscientização, reconstrução”).

Segundo Dias (2023), a a/r/tografia privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização. Assim, na a/r/tografia o saber, o fazer e realizar se fundem, criando uma linguagem híbrida. O(a) a/r/tógrafo(a) não está interessado(a) em identidades ou regras, mas sim nos papéis temporais formados dessa multiplicidade híbrida, vivendo entre mundo de intervalos de tempo/espaço, em espaços sem normas, sem fronteiras para a criação e imaginação.

Dessa forma, os projetos das três Mostras Culturais apresentados nesta Carta Pedagógica apresentam reflexões minhas e dos(as) estudantes a respeito das atividades realizadas. Vi na a/r/tografia uma forma significativa de avaliar criticamente as atividades desenvolvidas até então e as que serão realizadas na minha pesquisa, ambas oriundas da hibridização orgânica entre texto e imagem. Segundo Dias (2023), por possuir uma característica orgânica, a a/r/tografia possibilita, ao professor(a)/artista/pesquisador(a), uma intervenção onde as experiências não passem despercebidas pelo(as) aluno(as) envolvidos(as) durante o processo de criação.

O que deu origem as essas três instalações foi a indagação de uma colega, também professora de Arte, ao questionar se os(as) alunos(as) dos anos finais do ensino fundamental teriam capacidade e maturidade para entender ou compreender os temas apresentados nas instalações artísticas, as quais seriam apresentadas a toda comunidade escolar durante a Mostra Cultural. O questionamento da professora me causou um desconforto imediato, pois não esperava essa colocação justamente de uma colega da área de Artes.

Naquele instante, respondi que em algum momento eles(as), os(as) estudantes, deveriam aprender a refletir, questionar e criticar o que acontece ao seu redor, na sua comunidade, na sua escola, na sua vida e que a disciplina de Arte, juntamente com o(a) professor(a), possui a responsabilidade de provocar e de estimular no(a) aluno(a) um senso crítico e questionador. Além disso, destaquei que não podemos tirar do(a) aluno(a) o direito

de pensar, mesmo que o pensar lhe cause dor, pois como diz Han (2012, p.18), “[a] Arte tem de poder causar estranhamento, perturbar, transtornar, sim, também doer.”

Em 2022 dei início a primeira proposta, que tinha como prioridade usar material disponível na escola, sem a necessidade de gastos extras, pois não haveria recursos para cobrir tais gastos com o evento, podendo, no máximo, os(as) professores(as) arcarem com as despesas, se houvesse. Na proposta intitulada “Mata” (figura 01), que foi apresentada em novembro de 2022, elaboramos uma Instalação que questionava a relação do ser-homem com a natureza, suas ações e suas agressões com o meio ambiente.

Figura 1 – Instalação “Mata”.



Fonte: acervo do autor

Para tanto, foram pesquisadas, juntamente com os(as) alunos(as), filmagens do Youtube para a produção de uma montagem sobre o meio ambiente. Tais cenas mostravam primeiramente uma floresta calma, com toda flora e fauna em perfeita harmonia, até que ocorre a chegada do homem com suas máquinas e motosserras, derrubando árvores, promovendo queimadas intencionais para abrir espaço para pastagens, dando assim um fim aquela calma e harmonia inicial e apresentando a devastação de nossas florestas.

Essa atividade pedagógica teve a intenção provocar a sensibilidade, a reflexão, a autonomia do pensamento e o questionamento sobre as consequências da ação humana na natureza. No final de cada sessão, os(as) alunos(as) recebiam uma ficha para falar sobre quais suas percepções e experiências com aquela Instalação.

A sala de aula, onde foi realizada a instalação, foi totalmente coberta com folhas secas, recolhidas ao longo da semana pelo zelador da escola, dando ao ambiente a textura, o cheiro e ar de mata nativa. Para entrar na sala, era necessário tirar os calçados e sentir a textura das folhas nos pés, o que, para grande maioria dos(as) alunos(as) causava uma certa

resistência por não estarem habituados a andarem descalços sobre as folhas, embora outros(as) apresentaram o prazer de caminhar sobre as folhas e sentir o cheiro de mata, ou de chuva, como relataram. Para Estévez (2015), é relevante a relação entre o ser humano e a estética natural.

Debemos aclarar, en primer término, que nos referimos a lo estético natural. Es decir, a los valores (no utilitarios) que surgen en el contacto directo del ser humano con los objetos naturales y que toman cuerpo en la contemplación de lo simétrico, lo proporcional, lo armonioso y lo rítmico; así como en la gama de formas, volúmenes y colores de la naturaleza, incluyendo las propias creaciones del hombre en su desarrollo histórico-natural: la denominada "segunda naturaleza". (Estévez, 2015, p. 151)

Logo após caminhar e sentir a sala, os(as) alunos(as) eram convidados(as) a sentar sobre as folhas e assistir ao vídeo. Este tinha como trilha sonora o som dos pássaros, da água corrente de um rio e do vento batendo nas folhas das árvores que logo era abafado pelo som estridente de uma serra elétrica, das correntes grossas tracionadas por máquinas derrubando árvores e pelo som do fogo devorando a mata.

Nesse momento os(as) alunos(as) discutiram acerca do som gostoso da floresta contrapondo-se com o som das máquinas e do fogo, sugerindo que os(as) estudantes, embora pareçam distantes, possuem um repertório que vem de fora da escola, cabendo ao(a) educador(a) possibilitar, por meio da mediação, a conexão entre o que é aprendido dentro e fora da escola. Esse entendimento encontra respaldo em Freire (2023 p.78), no que ele chama de “saber de experiência feito”, ao afirmar que é de extrema importância a compreensão do(a) educador(a) de como se dá a forma como os grupos populares interpretam o mundo, valorizando seus saberes e experiências. A leitura do mundo, que expressa essa visão, sempre precede a leitura da palavra.

Os registros feitos pelos(as) estudantes sobre as sensações diante da experiência que viveram ao participarem daquela instalação indicaram que os(as) mesmos(as) refletiram sobre quanto a ação humana pode refletir positivamente ou negativamente em um ecossistema e quais seriam as possíveis consequências que poderiam sofrer caso não houvesse uma mudança de atitude relacionada a forma como nós, humanos, tratamos a natureza.

Tais registros explicitaram o fato de que quando os(as) docentes apresentam expressões artísticas que tanto estetizem o belo como o feio enquanto recurso pedagógico, o(a) alunos(a) é provocado(a) a sentir, pensar e refletir, ao desenvolver sua sensibilidade

para que encontre caminhos que sinalizem para a construção de um mundo melhor. Freire (2023) aponta que um(a) professor(a) sensível que promove a discussão, abre espaços para releituras de diferentes realidades.

É importante salientar que o novo momento na compreensão da vida social não é exclusivo de uma pessoa. A experiência que possibilita o discurso novo é social. Uma pessoa ou outra, porém, se antecipa na explicitação da nova percepção da mesma realidade. Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto. (Freire, 2023, p. 80)

Na segunda proposta de instalação artística, ocorrida em novembro de 2023, foi denominada “Onde sua atenção está?” (figura 02). A orientação era a mesma quanto ao material utilizado na atividade anterior. Nessa segunda proposta didático-pedagógica foi montada uma instalação artística sem a participação dos(as) alunos(as), uma vez que a intenção era provocar neles(as) a reflexão e o questionamento do que estava sendo apresentado e quais as relações eles(as) fariam com o cotidiano da sala de aula a respeito do uso de dispositivos eletrônicos.

Assim, a sala foi disposta com oito classes, todas viradas para o fundo da sala de aula, onde estava colocado, de forma estratégica, um pedestal de youtuber e um aparelho celular em uma posição de autoridade, observando os(as) alunos(as) de cima para baixo. Sobre as classes, foram posicionados cadernos em branco e, no teto, uma projeção de nuvens passando ao som do vento. Essa mesma projeção foi transmitida simultaneamente no aparelho celular, que os subjugava (figura 2). A nona classe era a única que estava direcionada para a lousa, onde continha assuntos de inúmeras áreas do conhecimento escritos por diversos(as) professores(as). Os conteúdos escritos eram os mesmos desenvolvidos no decorrer do ano e estavam também escritos no caderno dessa única classe. E, finalizando a sala, um amontoado de livros de todas as áreas do conhecimento, sobre e ao redor dessa nona classe e da mesa do(a) professor(a).

Figura 2 – Instalação “Onde minha atenção está?”



Fonte: Acervo do autor

Nessa proposta, os questionamentos giraram em torno do uso do celular de forma desorientada na sala de aula, pelos(as) alunos(as), que deixam de lado tudo o que é apresentado e discutido pelo(a) professor(a) e focam toda a atenção nas redes sociais e outros aplicativos de conversa por mensagem durante as aulas.

Nessa instalação artística não foi discutido o uso das tecnologias em sala de aula mas sim a falta de interesse dos(as) alunos(as) no que lhes é apresentado, não importando o quanto o(a) professor(a) se utilize dos mais diferentes recursos tecnológicos para apresentar os assuntos e captar a atenção da turma, já que eles, os(as) estudantes, parecem mais preocupados(as) no que está acontecendo fora das paredes da sala de aula, fora dos muros das escolas, nas redes sociais e aplicativos de bate papo, do que na própria aula.

Após os(as) alunos(as) terem contato com a instalação, “Onde sua atenção está?” de 2023, a surpresa mais uma vez foi positiva. Embora dados apresentassem o entendimento da proposta da instalação artística, de o quanto é importante para sua formação prestar atenção ao que se é discutido em sala de aula, sua participação quando o(a) professor(a) levanta questionamentos e nas explicações dadas sobre os assuntos, o(as) alunos(as) também relataram a dificuldade de se manterem atentos(as) aos conteúdos e ao mesmo tempo sentirem a necessidade de permanecerem conectados com os(as) colegas das outras salas e amigos(as) fora da escola.

A importância a ser dada ao conhecimento que o(a) professor(a) está compartilhando durante a aula parece entrar em choque com a necessidade dos(as) estudantes de se manterem conectado(as) nas redes sociais, e essa situação é o que interpreto como o que Freire (2022) vai chamar de anestesia histórica, quando mesmo sabendo da necessidade de mudança, outros fatores fazem com que os(as) alunos(as) não

consigam se libertar dessa dependência das redes sociais impossibilitando assim seu interesse no aprendizado. Sobre a anestesia histórica Freire (2022) diz que tomados(as) pelo cansaço existencial, muitos(as) ficam presos(as) aos próprios problemas e incapazes de enxergar novas possibilidades além de seus limites.

Essa proposta, diferente do que aquela minha colega problematizou sobre as capacidades de os(as) alunos(as) questionarem o que lhes é apresentado para depois compreenderem por meio da Arte, mostrou que mesmo sendo alunos(as) do ensino fundamental de uma escola pública da periferia, eles(as) são capazes de compreender as mensagens contidas nas obras artísticas desde que o(a) professor(a) se apresente como um(a) mediador(a) que provoque o pensamento, os sentidos e a reflexão e assim, estimulando o(a) aluno(a) a uma percepção estética, a uma sensibilidade que lhe ajuda a compreender com maior facilidade as suas realidades. A esse respeito Estévez (2008) sugere que:

[...] no existe otro camino más corto que la lectura, el estudio y la experimentación para consolidar un buen gusto y sólidas convicciones estéticas, y tus alumnos deben saberlo bien. (...) En realidad, es un privilegio pertenecer a la especie humana y vivir en el siglo XXI; pues hubo tiempos en que los sentidos humanos (como el ojo y el oído) eran muy deficientes. (p. 55)

A terceira proposta pedagógica foi realizada em maio de 2024, quando o estado do Rio Grande do Sul (RS) havia sido atingido pela maior tragédia climática da história, com chuvas torrenciais que ocasionou as inundações e atingiu cerca de 418 dos 497 municípios do estado, dentre eles a cidade de Rio Grande onde se localiza a escola. Nesse período as atividades escolares foram canceladas por cerca de 30 dias, devido às consequências que as enchentes provocaram, dentre elas impactos econômicos, sociais, ambientais, na saúde pública e na infraestrutura, destruindo comunidades inteiras e deixando inúmeras outras localidades incomunicáveis por vários dias. Esses acontecimentos atingiram diretamente ou indiretamente a comunidade escolar onde atuo, que embora a escola não tenha sido atingida pelas enchentes, foi atingida pelas fortes chuvas causando danos materiais e na estrutura da escola. Uma tragédia como essa deixa fortes cicatrizes, provoca experiências e reflexões sobre nosso lugar no mundo, as consequências de nossas ações com a natureza e nossa falta de respeito com o meio ambiente, e esses acontecimentos serviram de inspiração para uma instalação artística.

Retornar às aulas após todos esses acontecimentos foi marcante. Durante as

primeiras semanas, enquanto apresentava os assuntos a serem discutidos em sala de aula, me sentia na obrigação de entender como cada um(a) dos(as) alunos(as) estavam se sentindo diante daquele momento que passávamos e assim, procurava criar uma conexão entre os atuais eventos com a Arte e suas relações com a Educação Estético-Ambiental.

Durante meus diálogos com os(as) alunos(as), que relataram suas experiências com tais eventos climáticos e como foram atingidos(as), levantava questionamentos sobre quais seriam nossas responsabilidades diante dos acontecimentos vividos nos últimos dias e quais as possíveis consequências ainda poderíamos sofrer ao longo do ano até que tudo se normalizasse na cidade e no estado. Para minha surpresa as reflexões levantadas pelos(as) estudantes foi de plena consciência de que todos nós éramos responsáveis, de alguma forma, por tudo que aconteceu, e também, o que havia ocorrido em outras localidades do mundo.

A discussão foi profunda. Eles(as) apontaram nossos erros referente ao descarte do lixo, a falta de cuidado na separação do material para reciclagem, o descuido com os rios. Falaram sobre o desmatamento e as queimadas e como elas estavam afetando nossa atmosfera, pois na mesma época, logo após as enchentes, o estado foi coberto por nuvens de fumaça provindas das queimadas na Amazônia, causando desconforto e problemas respiratórios na população. Enfim, os eventos de 2024 foram amplamente discutidos nas aulas de Arte juntamente com os conteúdos, os quais foram direcionados para promover uma abordagem entre ensino de Arte, Educação Estético-Ambiental e vida.

A escuta aos(as) estudantes, sobre a tragédia ocorrida no RS em 2024, o que Freire (2023 p.111) chama de “escuta paciente”, impulsionou a realização da terceira e última instalação, realizada em 2024 e intitulada “Dor: medo, conscientização, reconstrução” (figura 03). Nessa instalação artística a discussão ficou em torno dos acontecimentos referentes a pior tragédia climática que o estado do RS enfrentou e suas consequências em nossas vidas.

Com um tema tão importante e atual a ser discutido em sala de aula, foram lançados questionamentos sobre como poderíamos transformar esta realidade. Tendo como referência Janson; Janson (1996), selecionei os conceitos sobre movimentos artísticos que usassem, como material de produção, o que era descartado, o lixo.

Essa foi uma forma de trazer para ensino de Arte um pouco da realidade do(a) aluno(a), com suas percepções dos acontecimentos e com os materiais que eles entendiam como descartáveis. Sobre a importância de trazer a realidade para a sala de aula e dessa

forma buscar caminhos para mudanças concretas.

Outras questões, também levantadas enquanto os assuntos sobre movimentos artísticos eram debatidos, ficavam em torno da nossa responsabilidade com o meio ambiente e quais nossas percepções sobre nossas atitudes e suas consequências diante da natureza. Os(as) alunos(as) refletiam sobre quais mudanças nos hábitos eles(as) precisariam ter para que acontecessem mudanças significativas sobre as consequências negativas na natureza.

Com o tema sobre os desastres ambientais definido, as linguagens artísticas discutidas, as questões a serem apresentadas na instalação artística delimitadas e o material a ser usado já escolhido, era hora de pensar no que seria produzido para a Mostra Cultural de 2024. Como as discussões ficaram em torno dos acontecimentos no estado do RS, juntamente com os(as) estudantes ficou definido que usaríamos uma árvore, que é um símbolo natural dos campos gaúchos, como referência para a instalação, a Figueira.

Além da temática pontuei outra questão: qual foi a dimensão dos acontecimentos climáticos que nos atingiram bruscamente na enchente? As respostas giraram entre “gigantesca”, “enorme”, “muito grande”. A partir dessas respostas disse a eles(as) que a figueira - instalação artística que deveria ser construída - necessitaria ser tão grande quanto os acontecimentos e que necessitaria ocupar uma sala de aula inteira, quase que uma figueira em seu tamanho real.

As reações foram as mais diversas e divertidas, como: Não vamos conseguir professor! Professor, não tem como a gente fazer isso! Como a gente vai fazer pra montar uma árvore grande dentro da sala de aula, professor? E eu disse que sim, que era possível montarmos uma figueira em tamanho real dentro da sala de aula e eu mostraria a eles que seriam capazes de apresentar uma obra gigantesca (figura 3 e 4) para a Mostra Cultural desde que trabalhassem em conjunto e seguindo um projeto.

Figura 3 e 4 – Instalação “Dor: medo, conscientização, reconstrução”



Fonte: Acervo do autor

Para Freire (2022), na sala de aula de Arte, educador(a) e educando(a) tornam-se coautores(as) do processo estético e cognitivo no qual aprender acontece quando o aluno(a) se vê como sujeito de sua própria expressão - um ser histórico, sensível e transformador, capaz de amar, sonhar e indignar-se diante daquilo que machuca a vida e a beleza.

Como propõe Freire (2023a), assumir-se também é um gesto artístico, é se enxergar como uma criação incompleta, uma obra em constante construção. Desse modo, ensinar arte é educar o sensível, para que cada estudante se revele como cor, forma e voz num mundo em transformação. Conseqüentemente, o conhecimento deixa de ser depósito e torna-se experiência estética - um ato de liberdade, reconhecimento e esperança.

Durante as semanas seguintes, enquanto as aulas de Arte aconteciam com os conteúdos referentes a linguagens artísticas que trabalhavam o uso de material descartável, os(as) alunos(as) tinham a responsabilidade de coletar, limpar e trazer para a escola o material que seria também o suporte da escultura, o lixo reciclável. Foram utilizadas apenas embalagens e materiais de papéis e plásticos, excluindo totalmente vidros e metais para evitar acidentes. Enquanto isso, em conversa com a direção da escola solicitei alguns materiais que seriam necessários para dar sustentação a estrutura da árvore, como tela aramada de plástico, presilhas plástica, barbante e grampeador de estofador.

Para completar a estética da instalação artística “Dor: medo, conscientização, reconstrução”, solicitei à direção que reservasse a sala de aula que mais sofreu danos com as tempestades, como destelhamento e piso danificado.

Quando apresentei a proposta feita junto com o(as) alunos(os) e o motivo da escolha por aquela sala, a direção entendeu, mas questionou se daríamos conta de realizar o projeto daquela dimensão, uma árvore em tamanho real dentro da sala de aula com galhos saindo

para fora pelas janelas e porta em uma sala danificada pela tempestade que complementava a estética da instalação artística. Como resposta dei um “sim, os(as) alunos(as) e eu conseguiríamos apresentar a proposta em tempo para a Mostra Cultural”. Tal instalação foi construída com a participação efetiva e intensa dos(as) alunos(as).

Retornando o objetivo desta Carta Pedagógica, entendo que todos(as) alunos(as) são capazes de compreender a Arte. É responsabilidade nossa, professores(as), de provocar a curiosidade e instigar o desejo do conhecimento. Dessa forma, identifico a necessidade de seguir investigando iniciativas pedagógicas como as apresentadas nessa carta: a experiência com arte, especialmente as realizadas, tendo como ferramenta pedagógica as instalações artísticas. Ao recorrer às estetizações do belo e do feio é possível trabalhar a percepção, a reflexão e a formação de um(a) aluno(a) sensível, curioso(a) e crítico(a). Tal necessidade coaduna ao pensamento de Freire (2023), ao destacar que o desenvolvimento do bom senso acontece por meio da curiosidade e da prática constante do questionar, do comparar e duvidar. Ao desenvolvê-lo, superamos o instinto e tornamos nossas avaliações mais críticas e conscientes.

E assim vou finalizando essa Carta Pedagógica com alguns questionamentos: Como sustentar uma prática pedagógica que valoriza o saber do(a) aluno(a)? Como fazer desabrochar uma educação crítica e questionadora em um espaço em que o que conta é o resultado final? Como podemos substituir uma pedagogia que não abre espaço para a fala e que não que promovam, em seus ambientes educativos, a escuta ativa e a troca existencial genuína por uma mais sensível e dialógica?

Para mim e para minha orientadora, uma educação sensível e emancipatória é aquela que entende o(a) educando(a) como um ser de linguagem, de desejo, de memória, uma educação que não anestesia, mas que acorda os sentidos. Que não silencia, mas que provoca. Que não apaga, mas que colore. Que mantem a boniteza, fazendo florescer gestos de simplicidade mais pura, no olhar atento, na recepção calorosa, na palavra que cuida e incentiva.

E com essa esperança insurgente seguimos, pois esperança não é espera passiva, mas sim construção diária! Porque, como diz Freire (2023 p. 70), “ensinar exige alegria e esperança” e eu escolho esperar, não sozinho, mas com os(as) estudantes, com colegas e com todos(as) os(as) que creem que a educação pode, sim, ser um ato de amor e beleza revolucionários.

Então, caros(as) colegas, é com afeto que encerramos essa carta.

Palavras Chaves: Ensino de Arte. Professor-Artista. Educação Estético-Ambiental.

REFERÊNCIAS

DIAS, Belidson. IRWIN, Rita. **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia** – 2ª ed. Santa Maria, RS, UFSM, 2023.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: A educação (do) sensível.** Orientador: Prof. Dr. João Francisco Regis de Moraes, 2000. 234 f. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas, 2000

ESTÉVEZ, Pablo René. **El abecé de la educación estético-ambiental.** Chapecó: Ed. UFFS, 2025. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/uffs/editora-uffs/-el-abec-de-la-educacin-esttico-ambiental>. Acesso em: 28 out.2025.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Enseñar a sentir.** La Habana: Ed. Pueblo y Educación, 2015.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Los Colores del Arco Iris.** Cuba: Ed. Pueblo y Educación, 2008.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Pedagogia del cambio: diálogos con Álter Ego.** Chapecó: Ed. UFFS, 2025a. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/uffs/editora-uffs/pedagoga-del-cambio-dilogos-con-lter-ego>. Acesso em: 28 out.2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** São Paulo, Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo, SP: Paz e Terra, 2023a.

GUIMARÃES, Cesar. LEAL, Bruno. MENDONÇA, Carlos. **Comunicação e experiência estética.** Belo Horizonte, UFMG, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: A dor hoje.** Petrópolis. Editora Vozes, 2021.

JANSON, Horst Woldemar, JANSON, Anthony Frederick. **Iniciação a História da Arte.** 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

MEDEIROS, Daniel. **A maldição da aula divertida.** O Debate, abril 2024. Disponível em: <https://www.odebate.com.br/educacao-capacitacao/a-maldicao-da-aula-divertida.html>. Acesso em 26 de abril de 2024.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Convite a estética.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.